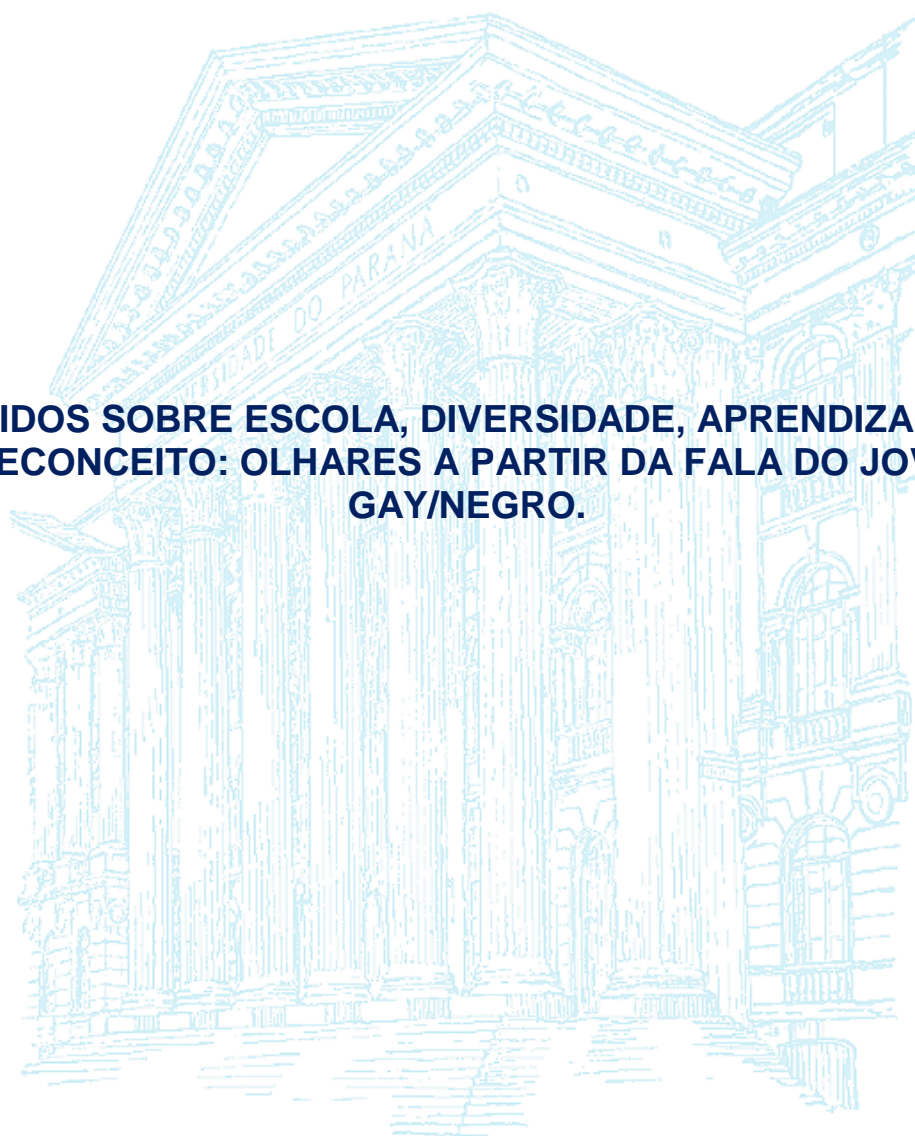


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANDA VALERIA PONIJALESKI

**SENTIDOS SOBRE ESCOLA, DIVERSIDADE, APRENDIZAGEM E  
PRECONCEITO: OLHARES A PARTIR DA FALA DO JOVEM  
GAY/NEGRO.**



CURITIBA  
2016

VANDA VALERIA PONIJALESKI

**SENTIDOS SOBRE ESCOLA, DIVERSIDADE, APRENDIZAGEM E  
PRECONCEITO: OLHARES A PARTIR DA FALA DO JOVEM  
GAY/NEGRO.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Reinaldo Kovalski de Araujo

CURITIBA

## **SENTIDOS SOBRE ESCOLA, DIVERSIDADE, APRENDIZAGEM E PRECONCEITO: OLHARES A PARTIR DA FALA DO JOVEM GAY/NEGRO.**

**Vanda Valéria Ponijaleski, Especialista em Psicopedagogia, Educação Especial e Pedagogia Escolar, Graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Palmeira PR, e Professora de Matemática da SEED; E-mail: vandaponijaleski@yahoo.com.br.**

**Reinaldo Kovalski de Araujo, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná UFPR, Especialista em Educação Profissional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR Graduado em Licenciatura em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná Professor do Quadro Próprio do Magistério do Estado do Paraná.**

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo buscar sentidos sobre escola, diversidade, aprendizagem e preconceito a partir da perspectiva um ex-aluno de escola pública gay/negro, contextualizando com bibliografias dos estudos de gênero, educação e sociologia. Para tanto, foi utilizado entrevista, pesquisas bibliográficas e análises. Com objetivo de compreender as relações de gênero e preconceito contextualizadas na visão do ex-aluno homossexual e da professora pesquisadora. Os resultados apontam para uma outra visão de escola, onde ações simples como ir ao banheiro ou participar de ingênuas brincadeiras acabam sendo uma grande barreira a ser resolvida no dia escolar do/da jovem negro/gay. A pesquisa também revelou a necessidade do entrevistado de acessar identidades aceitas pela heteronormatividade para poder “sobreviver” no ambiente escolar, sem no entanto, deixar de marcar esse ambientes com pequenos gestos de afirmação de sua identidade gay/negra.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Sexualidade. Escola.

### **Abstract**

This project aims to analyze gender relations and sexuality in the life of a public school alumnus, contextualizing with bibliographies used. To this end, interview, bibliographic research and analysis. In order to understand gender relations and contextualized vision of prejudice homosexual alumnus and teacher researcher. Based on the data collected will be analyzed through the theoretical referential determining factor in function of the school for the pupil to homosexual, gay and black.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, abordarei a relação entre aspectos fundamentais que trazem à tona a voz do estudante homossexual e sua relação e sentidos sobre a escola. Para tais análises parto da fala de três esferas de vivências que compõem essa pesquisa: a do aluno, a escola e o da professora. Questiono, a partir deste estudo, os tensionamentos sobre gênero e diversidade sexual que ocorrem entre essas esferas, assim como o efeito, desses tensionamentos na permanência do aluno gay no espaço escolar.

Como professora que vivenciou todo processo que ocorreu com a classe de educadores no início no ano de 2015, período de greves, reposições, lutas sindicais, desmandos do governo, ações que geraram stress e desmotivação em grande parte dos educadores, também vivenciei a bagagem teórica prática e a escolha do tema para produção do trabalho de conclusão de curso dessa especialização. Tarefa que se tornou complexa em virtude do momento que estava vivenciando.

Entre greves, reposições, leituras e pesquisas, optei em fazer um trabalho em função de uma entrevista, entrevista que foi planejada, onde se têm a fala e as vivências de um estudante sujeito gay, negro, oriundo de escola pública, que passou por todas adversidade de vivenciar sua identidade no ambiente escolar e hoje, após formado, exerce suas funções no setor público.

No primeiro momento da pesquisa busquei realizar um levantamento de jovens egressos da instituição que se auto identificassem como gays, lésbicas, bissexuais e/ou transexuais, no intuito de investigar qual o sentido que a vivência escolar teve para esses jovens. Vale destacar que os sujeitos pesquisados deveriam se autodeclarar LGBT, partindo essa identificação do próprio entrevistado e não de uma mera suposição da pesquisadora.

Entre alguns jovens mapeados optei por realizar o estudo de caso com o jovem JK, pois além de ser sujeito gay também é sujeito negro, advindo de classe média baixa, estudante de escola pública. O jovem JK carrega no seu corpo as marcas de um conjunto de exclusões que não estabelece apenas um recorte com sua orientação sexual e construção de sua masculinidade, mas é atravessada pela sua cor e pela sua condição sócio cultural.

É na fala do jovem JK, ex-aluno, lendo outra referência, percebi que era necessário fechar, direcionar para o foco central o aluno gay e o espaço escolar, isto é, “qual o sentido da escola para o aluno JK?”

JK é o pseudônimo que usarei, e em diálogo com as referências bibliográficas dos estudos de gênero, encontro fundamentos para relacionar as vivências de JK com a escola, onde em algumas falas é possível fazer o entendimento da vivência com a fundamentação dos referenciais, a qual nos levam a refletir sobre a posição da escola na vida do sujeito, levando em consideração a grande participação do/da professores/as que muitas vezes, estão mais focados/as no conteúdo em si, deixando de lado a educação como um todo e a sociedade em que está inserido/a, perdendo a interação com as mudanças que ocorrem com as pessoas que se está se relacionando e dialogando, onde a interação social com as pessoas num contexto geral é essencial para que ocorra a aprendizagem e a formação humana.

As vivências e sentidos sobre escola apresentado pelo sujeito JK, serão analisados e tendo como principais teóricas/os Stuart Hall (2011), Serge Moscovici (2003), Guaraci Lopes Louro (1997).

Através do estudo de caso realizado, buscou-se saber como JK percebe a escola, como visualizava a formação dos professores e quando estes fazem as mediações e como as fazem, e o tratamento em relação à diversidade e a presença do/da LGBT no ambiente escolar.

É a partir da voz de JK, sujeito gay, negro, atuante na sua comunidade, dá uma visão, a qual nos repassa em suas palavras, essa visão que certamente vai nos permitir ver a escola com os olhos de um homossexual que passou por ela, concluiu seus estudos e agora continua nela, com outro intuito e assim é possível perceber o ambiente escolar com a percepção de JK, e certamente essas falas nos levarão a reflexão sobre a diversidade que se faz presente no espaço escolar, onde nós professores do Ensino Fundamental e Médio focamos muito no conteúdo, deixando de fazer as reflexões sobre o mundo e sociedade que nos estamos inseridos, as quais são essenciais para o êxito e a permanência de todos na escola em um clima de harmonia.

Percebemos que a sociedade se encontra em constantes mudanças, e quando estivemos nos bancos escolares estávamos num tempo da sociedade e hoje são outros, onde novas identidades tomam seus lugares e buscam sua afirmação e

aquelas a que nos pertenceram e pertenceram a nossos antepassados foram resignificadas e expandidas, tendo a necessidade que as víssemos com novos e atuais olhos e olhares, onde muitas vezes somos conteudistas e perdemos um pouco a percepção do aluno com um ser humano, um ser da comunidade, que também trás conhecimentos e cultura.

No ambiente escolar em que atuo, tive a oportunidade e a tristeza de presenciar e até compactuar muitos momentos em que se evidenciam cenas de preconceito que fomentam a exclusão, pois, sempre evidenciam-se tensões com os alunos LGBT que estão frequentando a escola, onde sempre aparecem as falas que demonstram discriminação e homofobia, e onde temos também uma diversidade de pessoas que compõem essa estrutura, diversidade em formação, em cultura, em religião, em atuação dentro do espaço escolar, o que gera comportamentos diferenciados.

Buscando em uma pesquisa onde o participante da comunidade é representado através do egresso JK e eu, professora, mãe, heterossexual, com formação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, Especialista em Psicologia, Educação Especial e Pedagogia Escolar, professora da rede Municipal de Palmeira PR de séries iniciais e Professora de séries finais e ensino Médio da SEED-PR Secretaria Estadual de Educação do Paraná, estarei dialogando com o sujeito.

É nesse diálogo que seremos protagonistas deste trabalho de conclusão de curso, e a partir dos referenciais teóricos terei a oportunidade de buscar outras vozes para esse diálogo, interagir e produzir conhecimento. A busca aqui não é por um conhecimento frio e distanciado, mas por um diálogo que afeta o pesquisado (ao lembrar suas lembranças), e a pesquisadora ao se deparar com essas memórias e os autores até então utilizados/as.

Essa pesquisa não se encerra nesta escrita, mas se reverbera ao fortalecer e empoderar minha fala e argumentos nos diversos ambientes em que tenho acesso, nos meus mínimos gestos de busca pela promoção da igualdade e a desconstrução de conceitos discriminantes e preconceituosos.

A pesquisa convida a olhar a escola a partir dos olhos do egresso JK, sujeito negro, gay, ciente hoje, da sua presença e a dos demais no ambiente escolar, mostrando o sentido que a escola teve para ele enquanto estudante, qual o sentido

de educação para esse jovem? É nesse contexto, em diálogo com as referências bibliográficas e as vivências tidas no espaço escolar tanto na vivência do aluno pesquisado e na minha vivência e visão, que pretendo buscar a contextualização e o entendimento destes acontecimentos, que demonstram a exclusão, a inquietação, a discriminação, a acomodação, e a inclusão/exclusão do aluno na escola.

Ser também protagonista da própria pesquisa, é interar-se a esfera de pesquisa, é buscar e ter outros olhares para as leituras, escritas, discussões, interações com o mundo acadêmico, sempre estando e nunca deixando o espaço de inserção e a reais identidades das pessoas que nele também participam e o constroem a cada dia, construção que é feita com a participação e a vivência, onde se desvela as mais possíveis e variadas vivências indenitárias do ser humano, a qual também expõe a sua cultura, cultura essa que é adquirida e passada através das gerações, modificada pelas novas experiências, mesmo que de maneira lenta e em outras vezes rápida, que o tempo se torna inimigo para certas aceitações.

Um ponto que não deve ser desconsiderado nessa pesquisa é o lugar desta pesquisadora, o lugar de onde falo, quem sou, de onde vim, e toda trajetória que tive como mulher e professora:

Trabalho na Escola Pública com Ensino Fundamental Séries finais há mais de doze anos, e em 2010, tive a oportunidade de participar do II Seminário Estadual de Educação e Diversidade que ocorreu em Faxinal do Céu, onde o tema do evento foi a Diversidade, essa interação para mim como pessoa e profissional na época foi assustadora, também teve o lado bom, posteriormente, comecei a buscar leituras e formação referente ao tema, depois participei de um Curso que oferecido pela Secretaria Estadual de Educação do PR sobre Educação Diversidade e Inclusão, e também participei do curso de extensão Formação de Professores/as: Diversidade Étnico-Racial e de Gênero, em uma promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa através do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância, realizado em 2012, Coordenado pela Professora Aparecida de Jesus Ferreira, também neste ano participei do curso de extensão Espaço Escolar e Diversidade Sexual: esse é um tema da educação?, em uma promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa através do Departamento de Geociências, Coordenado pelo professor Márcio José Ornat. Em 2013 participei como ouvinte do evento de extensão O corpo e o sexo nas relações de gênero - reflexos socioeducacionais, em uma promoção da Universidade Estadual de Ponta

Grossa através do Departamento de Serviço Social, Coordenado pela professora Édina Schimanski. Em 2014 participei como autora e apresentando o trabalho "Representações Sociais Sobre a Sexualidade Homoafetiva nas Perspectivas do Professor Atuante na Sala de Aula", na categoria Oral, durante o evento de extensão "Seminário Equidade na Pós-graduação: Perspectivas e Debates - 2014", em uma promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa através do Programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, coordenado pela Professora Ione da Silva Jovino. Em 2014 e 2015 realizei o Curso "Gênero e Diversidade na Escola" ofertado pela UFPR, com a Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância e recentemente conclui o curso de Extensão - Espaço Escolar e Diversidade Sexual: Esse é um tema da educação ofertado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Coordenado pelo Professor Marcio José Ornat.

Buscando enfrentar os desafios que encontramos no espaço escolar, busco a formação teórica e prática sobre aspectos relativos ao gênero e à diversidade sexual por meio da formação ofertada pelas Universidades que me são acessíveis, e assim estar contribuindo com a escola, onde a educação deve estar sempre em fase de reestruturação, assim como as partes integrantes, as quais contribuem significativamente para o sucesso e ou não sucesso dessas mudanças e também nas relações e interações humanas, onde essas relações são peças fundamentais e essenciais no processo ensino-aprendizagem e na permanência do aluno no espaço escolar.

Trabalhando na escola há vários anos, tive e tenho acesso aos conflitos com os alunos/as LGBT com os demais e também com os colegas professores, e, mesmo nestes cursos que fiz e nas várias leituras, despertou-me a motivação para a busca de conhecimentos que sejam capazes de promover a interação de maneira a gerar a igualdade e a equidade no ambiente em que estou inserida, e como protagonista da pesquisa, esta se torna pessoal, mas, desperta a busca para a solução, mesmo que parcial da situação problema, a qual busco respostas, onde se pode valorizar as vozes dos protagonistas em contato com os autores, onde é possível ouvir o aluno pesquisado e também ser ouvida como pesquisadora, relacionando uns com os outros, onde o trabalho deixa de ser distante da realidade dos protagonistas.

Não terá sentido se fazermos o Curso, nos tornarmos Especialistas, e na pesquisa não focarmos a nossa realidade, o nosso ambiente de trabalho, já que

estou na escola, sinto necessidade de ter argumentos para interagir com os meus colegas, onde possa pontuar positivamente às críticas que geralmente são feitas e feitas de maneira preconceituosas, fazendo colocações capazes de gerarem uma reflexão por pequena que seja, onde as pessoas sejam provocadas a repensarem suas falas e seus conceitos: Se eu não conseguir pesquisar e escrever algo que venha ao encontro da minha realidade, infelizmente o curso foi em vão.

Escrever, vivenciar, ouvir a voz do entrevistado e a minha voz como pesquisadora, buscando coerência entre os autores para entender, modificar, adequar-se a realidade, onde estamos, em que escola estamos, como estamos, o que a escola oferece, como nos percebemos nesse contexto, como somos percebidos por nós e pelo outro, pela sociedade, onde se tenha subsídios capazes de fazermos uma modificação na escola, dialogar com aquele aluno uma maneira mais harmoniosa de conviver no ambiente escolar, evitando a exclusão e a discriminação.

É necessário olhar o sujeito no seu ambiente, na sua família, em seus conhecimentos de mundo, em sua comunidade, em sua cultura, e como faz essa interação com a escola e seus integrantes, onde se tem uma riqueza de conhecimentos e nesse contexto se faz as interações, e neste espaço buscar entender qual o sentido que realmente a escola tem para o aluno JK.

## **OBJETIVOS**

**Geral:** Buscar sentidos sobre escola, diversidade, aprendizagem e preconceito a partir da perspectiva um ex-aluno de escola pública gay/negro

**Específicos:** Refletir os dilemas da escola pública para o aluno homossexual que concluiu o ensino médio.

## **METODOLOGIA**

*Deparo nesse ponto com uma das dificuldades dos autores de memórias, uma das razões porque muitos fracassaram. Eles deixaram de fora a pessoa com quem as coisas acontecem, a razão disso é que é muito difícil descrever qualquer ser*

*humano, então eles dizem: “foi isso que aconteceu”, mas não dizem como era a pessoa com quem aconteceu...*

Virginia Woolf (1986)

A Escola é o espaço constituído de pessoas, e para contextualizarmos este espaço é necessário lembrarmos que na composição humana, a sexualidade se faz presente, seja como desejo, identidade e performatividade.

Esse trabalho busca um diálogo entre memórias, lembranças e sentidos. No estudo de caso, descreve-se as memórias que apresentam novas possibilidades de ocupação de espaços adentrando em territórios antes não reservado ao seu corpo negro, gay. Na medida em que vai experimentando o ato de registrar, contar, o sujeito vai reorganizando seus sentidos, reinventando, se abrindo a um mundo novo, a um novo olhar para se ver e se pensar a escola. Esse novo olhar vai de encontro aos sentidos da pesquisadora que encontra e vê os limites escolares, agora com outras perspectivas, outros contornos e direciona outros olhares que reflete na escrita aqui apresentada.

A contemporaneidade colocou em cheque os padrões até então estabelecido pelas identidades fixas e binárias, dando a essas um movimento performativo, fluido e contínuo. Essa nova forma de ser e estar no mundo nos obriga a repensar a sociedade que estamos inseridos, e as identidades das pessoas que a compõem, bem como as formas de conceber e fazer pesquisa.

Tendo em vista todo histórico de lutas dos movimentos feminista e do movimento LGBT, é coerente o que (Hall, 2011, p.7) coloca que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

A relação entre identidades de gênero e educação assume cada vez mais um papel desafiador, demandando a emergência de novos estudos e saberes para aprender processos sociais que surgem e se tornam complexos em certos ambientes, como o ambiente escolar, e onde conflitos se intensificam e se faz necessário entendermos as mudanças da sociedade, assim como as novas formas de ser e estar no mundo dos sujeitos.

Isto é necessário que ocorram mudanças de pensamentos, de atitudes, de conceitos, de rotinas, onde se quebrem os velhos paradigmas. Para que isto

aconteça é necessário primeiramente que busquemos a nossa própria mudança, mudemos a nós mesmos, nos tornemos profissionais atualizados/as, inovadores/as na maneira de visualizarmos a nova sociedade que se defronta conosco e aprendamos a coexistir.

De acordo com Stuart Hall, temos que repensar a sociedade que estamos inseridos/as e perceber que algumas pessoas não veem e nem aceitam essas mudanças, e que quando se depara com indivíduos LGBT, que estão buscando a afirmação de sua identidade, entram em conflitos, promovem a discriminação, a não aceitação do outro na sua forma de ser e estar no mundo. Diante disso é necessário desconstruir conceitos e reconstruí-los tendo em vista a dignidade da pessoa humana em toda a sua dimensão.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (Giddens, 1990, pp. 37-38)

Ainda de acordo com Cesar (2004, p. 140) não se deve esquecer que todo processo de reforma escolar que ocorreram durante a década de oitenta e noventa reestruturaram a forma de governo dos indivíduos e dos corpos envolvidos no processo educacional. Com os adventos dos discursos “psi”, o estudante ganhou uma centralidade e uma vigilância quase que anulando a participação efetiva da professora. Discursos médicos biologistas que discriminavam e marginalizavam o aluno LGBT ou que desviava dos padrões vigentes de gênero vem à tona e tomam novamente espaço nos currículos e planejamentos escolares,

Nesse sentido toda representação performativa que fugisse da maneira heteronormativa de ser e estar na escola era tido como anormal e passível de vigilância controle e observação. Não raro vemos, ainda hoje, relato de estudantes que por demonstrarem uma configuração corporal diferente ou fugir das marcas vigentes de gênero serem taxados, marcados ou observados de forma diferenciada.

As nossas identidades, nossos modos de ser e estar no mundo vão sendo ampliados, aprimorados e estetizados a partir de nossas experiências com o mundo exterior e com a socialização com os demais sujeitos, então a Escola é essencial na construção da identidade, pois é um espaço que todos devem ter acesso e sua permanência interfere diretamente em como o sujeito se apresenta ao mundo. Os

conflitos e tensões vividos na escola interferem diretamente na construção da identidade do educando, e por isso a necessidade de criar dentro da sala de aula um espaço de respeito e apreço a toda forma de representação do corpo em performance.

Segundo (Louro, 1997, p.24) A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, e se o gênero é a constituição da identidade do sujeito, ele vai sendo construído pelas vivências, e também vai se organizando e se constituindo com as diferentes perspectivas de vidas e nestas diferentes perspectivas de vida está à interação com o outro, a qual acontece em grande tempo no espaço escolar.

Segundo Louro (2011), foi no final do século XIX que surge o conceito de “homossexualidade” e o sujeito “homossexual” como categoria, onde a prática amorosa e sexual entre parceiros/as do mesmo sexo passava a ter outro significado, que antes era sodomia, pecado e a partir daí indica um tipo particular de pessoa, um tipo social, uma espécie de gente que se desviara da normalidade.

Para Louro (2011), a sociedade costuma supor que um corpo identificado como macho ou como fêmea, determine necessariamente um gênero, masculino ou feminino, que este conduza a uma única forma de desejo, que deve se dirigir ao sexo oposto, sendo assim, aquele ou aqueles que fogem à norma, possam ser reeducados, reformados e ou relegados a um segundo plano, excluídos, ignorados e ou punidos (FOUCAULT, 2011).

Nesse sentido, ressalto a importância dessa pesquisa em sensibilizar o olhar do/a professor/a a partir do olhar do sujeito LGBT. Em sala de aula estamos acostumados e institucionalizados a pensar a organização dos espaços, as relações humanas de forma a perpetuar as relações de poder que muitas vezes reforçam os binarismos e provocam a exclusão. Ao enxergar o entorno a partir do olhar do outro, no caso dessa pesquisa, a partir do olhar do jovem JK, encontro outros espaços, outras relações, outras problemáticas e tensionamentos que antes não eram avistados e identificados.

Louro, (2011) quando discute ideias sobre a teoria *queer*, apresenta o conceito “*Queer*”, como, entre outras muitas possibilidades, um sentido de diferença, aquilo que não se quer ser assimilada ou tolerada, nesse sentido a Teoria Queer permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, sugere novas formas de pensar a cultura, o

conhecimento, o poder e a educação, onde a diferença deixa de estar ausente para se fazer presente.

Nesse sentido é essencial o estudo sobre gênero e diversidade sexual na escola, ampliando seus conceitos e compreendendo-o para além de fatores biológicos, mas como um conjunto de fatores rizomáticos que envolvem a construção social do sexo anatômico, as discursividades que demarcam homens e mulheres e os sentidos que são dados a anatomia de seus corpos, e sendo assim é inegável a necessidade de discutir a importância da escola para o aluno LGBT nos aspectos da permanência e ultrapassando os campos cognitivos lançando novos olhares que incluem as relações sociais, pois a escola é uma escola em que a cultura se faz presente, e temos que considerar que cultura de acordo com (Hall, 1997, p.47) no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.

Na escola também acontece a constituição do sujeito, a qual é feita com os diferentes grupos que a integram, e para essa integração ser real e coerente o currículo deve fazer compreensões sociais dos estudos culturais, dos movimentos sociais, raciais, étnicos, sociais, sexuais e pós-coloniais como elementos centrais de análise, conforme recomendações do Plano Estadual de Políticas Públicas LGBT-PR (BRASIL, 2007), e diz também que o Currículo tem de ser compreendido como um aparato da diversidade cultural no qual seja possível pensar novas formas ,questões políticas, econômicas e sexuais, etc., abrindo espaço para o outro e eliminando distorções binárias.

Dessa forma, o binarismo, que é a forma de pensar que separa e opõe masculino e feminino, onde se apoia na concepção natural dos corpos demarcados biologicamente, e sejam aceitos de acordo com a identidade sexual de cada um, onde se respeite a escolha de viver a sexualidade.

Nessa maneira de pensar, é de extrema urgência e importância verificar nos tempos atuais a relação existente entre o aluno homossexual e a escola, assim a qual pode apresenta-se de forma diversa, onde a influencia originada pela família e pela sociedade tem grande interferência nas relações, assim como a sociedade gera diversas opiniões e ações que geram o preconceito e ou discriminam, através das ações que tem um intuito de normalidade, mas gera a diferenciação, a exclusão.

O processo de marginalização do sujeito LGBT em face à escola se faz ao longo de suas vidas, e é alimentado de forma institucional, em especial pela

instituição e pela família. A vigilância e a exclusão são manifestadas pelas fala, ações, brincadeiras, piadas, imitações e pelo próprio silêncio e afastamento, e essas atitudes, que são atitudes de preconceito são consideradas difíceis de combater, pois poucos se declaram como preconceituoso, mesmo existindo evidências, e sendo esse espaço que o aluno gay encontra na escola, e para ele certamente a escola tem a mesma função que tem para os demais, onde a maioria das propostas pedagógicas da escola, encontramos que a escola é responsável pela formação do cidadão crítico e capaz de interagir melhorando o meio em que está inserido. Apesar de a escola ter para o estudante LGBT o mesmo intuito formador, o modo como esse sujeito a vê e percebe o ambiente escolar é totalmente diferente, as filas, as brincadeiras, os banheiros as formas de agir, tudo o que dentro da instituição foi construído com certa normalidade é percebido com outro sentido ao olhar do sujeito LGBT. Não raro vemos toda problemática que envolve o simples fato do uso de banheiros por estudantes transexuais, ou o mero gesto de expressar carinho em seu parceiro na hora do intervalo por uma estudante lésbica.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de estudar o sentido de escola para o aluno LGBT, dando ênfase na questão da percepção do aluno, e onde os referenciais teóricos contemplam essa questão. Interessa-nos nessa pesquisa questões relativas à experiência e a memória enquanto conceito e ação do mundo, assim como interrogação com relação ao poder exercido pelo espaço escolarizado.

Ao considerarmos as lembranças, sentidos e memória desse estudante como estratégias de resistência, temos a possibilidade de repensar o ambiente escolar, e dialogando com Foucault (1997) pensarmos em como as memórias e os sentidos estão para além do empírico, aloja-se na luta para tornar-se político e conhecido.

É nesses fragmentos de pensamentos que se encontram as estratégias de resistência ao poder, as opressões e as hierarquizações vividas por um corpo dentro de um espaço opressivo, é dentro desses traços de memórias e de sentidos que encontramos centelhas e fragmentos de empoderamento e de afirmação de um corpo que quer ser e estar no mundo.

### **3. Memórias, lembranças e sentidos sobre escola**

*Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as visibilidades, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. Além disso, pensar é poder...*

*(Deleuze 1996. p. 120)*

*Assim às vezes eu reclamo que a escola trata todo mundo como aluno, que deveria ser mais humana, não é o aluno, esse é o João, mora nesse lugar ele tem essa família e ele tem esse problema. Mas no meu caso, eu não queria ser o JK que tem “esse problema”, eu queria ser o aluno só, mais um aluno. Queria ser o aluno e não aquela pessoa que foi fadada pelo destino a ser alguém diferente de todo mundo*

*(JK)*

Nas palavras de Deleuze o pensamento não é algo vazio ele é veículo de poder e de empoderamento. É com esse pensamento que realizamos nesse capítulo um diálogo com as memórias e lembranças do aluno JK, buscando nesses fragmentos sentidos sobre escola. Buscamos com essas tentativas problematizar os espaços e as ações que são realizadas dentro do espaço escolar no que se refere aos discursos de gênero e diversidade sexual.

A epígrafe, recorte da fala de JK, escolhida para dar início a esse capítulo nos adverte que as questões que envolvem as discussões de gênero e diversidade sexual na escola estão cercadas de tensionamentos que estão longe de ser resolvidos. Os discursos que muitas vezes são evocados na escola como “humanidade”, “igualdade” ou então de “individualidade” ou de “necessidades individuais do sujeito” são borrados quando se deparam com as questões que envolvem gênero e diversidade sexual. Por isso acreditamos, que muito mais que resolver um problema educacional, trabalhar as questões de gênero dentro do espaço escolar está nos limites e nas fronteiras da resistência e da denúncia.

Quando o aluno JK foi questionado sobre percepção e a reação da escola em relação a sua sexualidade “ser homossexual”, se a rejeição vinha dos professores, colegas e ou de toda a comunidade escolar, este relata que: “eu acho que é mútuo, dos três lados, a equipe pedagógica que não sabia ainda dar um norte para o

assunto, acho que nem era algo muito falado na imprensa, acredito que nem existia um estudo mais aprofundado”.

A fala de JK apresenta, de um lado, um despreparo de toda equipe da escola em lidar com as questões de um corpo que fugisse das normas estabelecidas pela heteronormatividade, e ao mesmo tempo mostra um sujeito que acredita que essas ações ocorram por falta de um determinado “estudo”, de um saber específico que tal equipe deveria ter sobre gênero e diversidade sexual. Tal afirmação de JK dialoga com as questões propostas por Foucault (1988), onde afirma que a sociedade ocidental tratou as questões da sexualidade por um viés muito mais científico, um saber investigativo sobre essas questões.

As indagações que colocamos para o/a leitor/a, a partir dos apontamentos de JK, são: quais os saberes necessários para que se respeitem as múltiplas identidades dentro das salas de aula? É necessário um saber ou um conjunto de metodologias ou formações crivadas como “científicas” para que o/a professor/a respeite o ser humano em suas múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo?

Esse trabalho não visa responder essas questões, mas as coloca como provocações, a partir da fala do jovem egresso da escol, para se pensar as questões que envolvem formações em gênero e diversidade sexual na escola.

De acordo com JK, que terminou o ensino médio em 2005, e como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram lançados em 1997, e sendo assim já havia uma orientação sobre sexualidade e ou orientação sexual que podemos verificar (PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, 2007, pp. 107 a 164) e estas orientações ainda não haviam chego ao ambiente escolar, mesmo tendo se passado mais de sete anos.

Vale ressaltar que os temas transversais apontados por JK, abordaram as temáticas que incluíam gênero e diversidade sexual de uma forma a direcionar as questões para discursos biólogos, focando muito mais as prevenções de doenças sexualmente transmissíveis, as questões da gravidez da adolescência, que necessariamente discussões identitárias, nas palavras de Araujo (2009, p. 86)

Os Temas Transversais que integram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aborda um conjunto de temas sociais considerados neste documento como importantes para a discussão sobre a convivência dos sujeitos nas suas inter-relações, visando a garantia da dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos e participação e co-responsabilidade pela vida social. Os temas selecionados são os seguintes: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente,

Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. O tema que trata sobre a Orientação Sexual se restringe à ideia de prevenção contra a gravidez e a doenças sexualmente transmissíveis. “A Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribuiu para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Esses dizem respeito à possibilidade de que homens e mulheres tomem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos...” (BRASIL, 1998, p. 293). Desta forma, a escola abstêm-se de uma problematização crítica sobre as relações de poder existentes nesta área específica do conhecimento, fundamentadas em referenciais hegemônicos que tendem à manutenção de modelos de comportamento.

Sendo assim as orientações existiam, mas acontece uma demora para chegar a escola, e nessa demora, acaba-se faltando a qualificação de todo o contexto que compõem a escola, e JK diz que: “Os professores também não sabiam lidar com a situação, e a parte vexatória, a parte ruim sempre partia dos colegas, mas a escola nunca teve uma contrapartida de ensinar sobre a diversidade, de ensinar sobre as diferenças”.

A fala de JK aponta para duas problemáticas que surgem a partir dos PCN na escola: a primeira refere-se às instruções contidas nesse documento, que restringiram a problemática do discurso sobre sexualidade aos discursos biologistas. A segunda era a falta de informações dos professores, que não sabendo como lidar com determinados assuntos, já polêmicos na sociedade, em sala de aula, optavam por ecoar discursos médicos, higienistas e biologistas delegando tais assuntos aos professores de biologia e ciências.

Assim, a escola tem a função de informar e intervir de forma a eliminar os preconceitos, ficando assim com a responsabilidade de promover discussões sobre questões que envolvem sexualidade, gênero e orientação sexual, evitando dessa forma a discriminação e promovendo a igualdade entre as/os estudantes, sejam heterossexuais, sejam LGBT. Porém, longe desse ideal a fala de e JK denuncia:

Eu lembro quando eu estava no prezinho ainda, a gente fazia uma atividade de perfurar, punha a toalhinha de pano, no toco do cabo da vassoura tinha o prego, e ai perfurava, os meninos ganhavam a figura de meninos e as meninas furam o contorno das meninas, e eu queria o de menina e a professora não deixou.

Esse trecho da entrevista de JK vem de encontro com outra de sua fala: “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola”. Dessa forma, percebe-se que a escola mantém aos costumes tradicionais, continuam reforçando o masculino e o feminino, sendo tradicional ao extremo de determinar o que deve ser feito, ignorando as múltiplas identidades que se encontram no espaço da escola e que necessitam ser respeitadas e não reprimidas e ou ignoradas. Nas palavras de Louro (2001 p.16 )

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisam ser mais nomeada. Serão os ‘outros’ sujeitos sociais que se tornarão ‘marcados’, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Dessa forma, a mulher é representada como o ‘segundo sexo’ e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

A afirmação de Louro é reforçada pelo sentido apresentado em outra fala de JK: “Eu maquiava a minha homossexualidade na escola, em todos os anos tive que maquiá-la, nunca pude me afirmar como eu era realmente, eu consegui me afirmar alguns anos depois de ter saído do segundo grau”. Um sentido que ecoa na fala apresentado por JK, é que a escola não é um espaço propenso para afirmação das identidades que fogem dos padrões de gênero, ao contrário, toda sua engrenagem colabora para a produção de um corpo dócil, decifrável dentro dos padrões aceitos pela heteronormatividade. Dialogando com Hall (1997, p.11):

A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos- a cultura- dos mundos que ele/ela habitava.

Dessa forma, reforçamos que é necessário um espaço para a socialização das pessoas, para troca de conhecimentos e que é assim que o sujeito forma sua identidade. Nesse sentido a escola é um importante espaço e necessário na formação do aluno como profissional e sendo, assim JK precisou anular sua

identidade para permanecer na escola e adquirir os conhecimentos, os quais sabia que eram imprescindíveis para sua vida futura, pois seria através da escola pública que podia preparar-se para o mundo dos adultos, o mundo do trabalho.

E que valores e identidades foram mediados, performados e agenciados pelo jovem JK? Valores de resiliência? Onde teve que deixar sua autoafirmação e demonstrar ser o que não era? Como com tantas adversidades consegue a superação concluindo o ensino médio?, em seu relato afirma: “Eu me tornei uma liderança na escola, eu sofri o preconceito, sendo viadinho da escola para líder estudantil, mudando o padrão, forçando aquilo que eu não era, que não era da minha natureza”.

O recorte apresentado pela fala de JK, bem como, a performance de agenciar outras identidades para poder empoderar-se no espaço em que vivia, reflete a ação realizada por milhares de sujeitos LGBT na escola. Esse câmbio entre identidades, essa “brincadeira necessária” que faz pairar nos espaços a dúvida, ao mesmo tempo permite que o sujeito conquiste espaços sem deixar de marcar rastros, vestígios e sentidos de sua identidade LGBT.

Seria muito fácil, partindo de um viés identitário, julgar o sujeito JK de esconder, em determinados momentos sua identidade gay, de não sair do armário e contribuir com um sistema opressor. Mas a pergunta que paira é: teria o jovem JK conquistado o espaço que tem hoje se não tivesse a sapiência de performar e agenciar identidades dentro da instituição e buscar espaço de representação e resistência? Seria sábio culpabilizar o sujeito por encontrar espaços e formas de resistir? Entendemos enquanto pesquisadores que a ação realizada pelo jovem JK se constitui de ato de resistência e denuncia os padrões heteronormativos que a escola ainda carrega.

Percebemos uma inversão na vida escolar de JK, onde ele teve que se fortalecer através da liderança estudantil para se manter na escola, a qual foi muito importante em sua vida, pois através dela, hoje ele tem um espaço digno na sociedade, e para isso precisou acessar identidades outras, que não o representava.

Para se manter no ambiente escolar foi necessário optar por uma “maquiagem”, como ele mesmo diz, mesmo numa fase de sua vida, a qual considera difícil, pois era onde a sexualidade afluía, não podendo se auto afirmar como homossexual, mesmo se percebendo como tal, e sentindo que o espaço escolar é

para os ditos heterossexuais, e que estes tem a aceitação dos profissionais, e que os homossexuais tem uma falsa aceitação, a qual nota-se nesta fala de JK:

A primeira questão é a sociedade, por que assim a escola, ela, às vezes a gente faz uma inversão, a escola gira em torno do profissional, do professor e não é a escola está em função da sociedade e das pessoas, e daí vêm uma massa social com uma ideia e a impressão que da que a comunidade escolar acompanha aquela ideia que a massa social já traz para dentro da escola.

Na sociedade a qual todos pertencemos tem a Constituição da República Federativa do Brasil de 1998, a qual é um fato recente, e nesta temos no Art. 5º

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: e no inciso primeiro temos a citação que: - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

Este texto de lei contribuiu para que mulheres ganhassem igualdade em relação aos homens contribuído, de certa forma, para a equidade de gênero, porém em relação aos direitos LGBT a constituições ainda é silenciosa. Questionei JK em relação as leis e Políticas Públicas destinadas a questão de gênero, e este coloca que:

O artigo quinto da Constituição garante que somos todos iguais perante a lei, só que a gente não é, nem a brasileira, nem o brasileiro indígena, nem o brasileiro negro, nem o brasileiro homossexual, nem o brasileiro jovem, então o governo tem que ainda estudar, criar mecanismos para fazer valer Políticas Públicas, e nos Planos Municipais de Educação se nega as escolas à responsabilidade de discutir gênero, e desta maneira a sociedade caminhará a passos mais lentos para uma busca da igualdade e equidade entre as pessoas.

Nas falas de JK fica evidente a homofobia, onde as agressões intencionais de maneira verbal e nas expressões de silêncio e isolamento, ameaçando a sua permanência na escola, além de gerar problemas emocionais o discurso discriminatório se fazem presente quando diz que: “gostaria de ser tratado normalmente, ser chamado pelo nome, não de viado”, o que evidencia o despreparo

da escola de maneira geral em como fazer a mediação de conflitos de forma que não gera violência e discriminação. Em umas das falas, JK afirma:

Eu simplesmente queria ser o aluno e não aquela pessoa que foi fadada pelo destino a ser alguém diferente de todo mundo. Como disse a escola tem que tratar cada um com humanidade, e no contexto de escola eu só queria ser o aluno, assim como os outros, ser o aluno da escola, só isso!

De acordo com JK, não existe idade para descobrir-se como homossexual, pois se descobre ser homossexual desde que nasce, já se nasce gay. Para ele foi na escola que o despertar da sua sexualidade se torna mais evidente, geralmente no ensino médio, e é aí que começam os problemas, o qual vinham em especial da equipe pedagógica que não sabia dar um suporte para os conflitos vivenciados por JK. Além das/dos pedagogas/os haviam os/as professores/as que também não tinham um estudo aprofundado sobre gênero e sexualidade e dos colegas que refletiam os comportamentos de casa e da sociedade, que visualizam aquela família feliz, que é composta pelo pai a mãe e os filhos, que valoriza a heteronormatividade, a sociedade, as mídias impõem isso, e isso ajuda a gerar o preconceito que também se manifesta na escola, de forma de violência verbal, onde é necessário se impor, mudar a conduta.

JK afirma seu empoderamento ao relatar que se tornou uma liderança na escola, mesmo sofrendo o preconceito, sendo “viadinho da escola” e passando a líder estudantil, mudando o padrão, forçando ser aquilo que não era que não era da sua natureza, para ter o respeito e a permanência, a qual foi muito importante para ter o seu espaço na sociedade e poder dizer: “eu sou assim, me aguentem”.

Na afirmação aqui apresentada pelo entrevistado JK, percebe-se já um outro sentido para os agenciamentos identitários realizados por ele. Agora afirma-se como “viadinho da escola e passando a líder estudantil”, o passar soa como um desfile, onde mesmo sendo ainda gay permite-se ocupar o lugar de líder.

Os agenciamentos identitários realizados pelo jovem JK não somente o marcam como sujeito negro, gay e líder, mas, embaralha os padrões até então estabelecidos para o sujeito pela instituição. O lugar do gay, viadinho, negro e líder é performado por um único sujeito que como um grito de resistência afirma “eu sou assim, me aguentem”.

Para permanecer na escola e concluir o ensino médio, que foi a época mais difícil, período que a sua sexualidade “aflorou”, teve que se auto maquiar, não podendo se auto afirmar como homossexual, usando uma maquiagem, uma máscara para conseguir manter-se e não ser excluído. Esses agenciamentos, disfarces ou “maquiagens” como nomeia o próprio JK marcaram o seu corpo, deixando sequelas, já que o mesmo afirma que toma remédio para toque, transtorno obsessivo compulsivo até hoje, parando algumas vezes, e tendo que voltar a tomar e isso foi adquirido na escola, segundo JK,

A escola foi um ambiente que eu não conseguia frequentar como uma pessoa deveria, porque fugia da escola, pois era diferente de todo mundo que lá frequentava, sentia que o espaço não era para mim, que era para os ditos heterossexuais ou que se portam como heterossexuais, no sentido de que os alunos se aceitam como heterossexuais que os profissionais da escola se aceitam como heterossexuais o que você percebia assim uma exclusão do homossexual.

Entende-se que escola tem que estar a par do que está acontecendo e até acompanhar a sociedade e de certa maneira, mas a escola segue a sociedade, a sociedade esta ainda machista, heteronormatista, excluindo o sujeito LGBT, a escola foi junta neste embalo, e nunca fez nada, nunca pensou em ter uma atitude diferenciada e igualitária.

Hoje a escola começa a dar vida a uma centelha de pluralidade, começa a trazer mais ideias. Um dos sentidos possíveis para essa mudança, na visão do jovem JK,

Na escola que eu estudei tinha professores que já estavam dando aula há quinze anos, há dez anos, há vinte anos, e de repente vieram os professores contratados pelo processo seletivo simplificado, começou a ficar mais plural, a ficar diferente, a escola vai ter o cara que se formos lá a mil e novecentos e cinquenta e cinco e professores que estavam cursando ainda. A escola começou a ficar a mais plural, começou a trazer mais ideias, a juventude começou a estar mais presente na escola, acho que essa foi a principal mudança, não ter só aquele profissional de carreira, mas ter aquele profissional transitório, isso é importante também, você ter o profissional que não tenha aquele padrão e que já esteja na escola há muito tempo, essa transmutação de pessoas, que um ano é um professor no outro ano é outro professor. A transição dentro da escola, de ter um profissional de outra cidade, que enriqueceu a formação de nossos alunos hoje.

E mesmo compreendendo o contexto escolar, o contexto de vida, o contexto das sexualidades, de JK, onde os referenciais nos trazem subsídios que norteiam e esclarecem as ações acontecidas na sua vida escolar, e esse entendimento se torna motivadores para nós pesquisadores revisarmos nossas falas e reflexões no ambiente escolar, e hoje, depois de ouvir o sujeito, estudar a partir da sua fala, é estar junto a realidade, e como professora foi ter a oportunidade de estudar o real na pessoa do ex-aluno onde se buscou do mesmo próprio a sua visão da escola, já que esta existe em função deles e para eles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da entrevista do ex-aluno JK, percebo que a escola apresenta atitudes que realmente geram exclusão e como professora e pesquisadora visualizo a escola, como um espaço que passamos grande parte de nossa vida e de onde é esperado que tenhamos a formação e a aprendizagem necessária para sermos “alguém” na vida, e que isso nem sempre acontece. Que é um espaço da sociedade acessível e obrigatório a todos e ao mesmo tempo inacessível para muitos, onde a diversidade se faz presente, e também as adversidades, é um espaço de contradições, obrigatoriedades, exclusão, que forma e deforma também, prezando os direitos humanos e ao mesmo tempo os violando, como é o caso de muitos homossexuais.

Continuo a visualizar como o local que ocorre a interação social, e agora percebo que muitas vezes essa interação não seja autêntica, necessitando velar a real identidade do sujeito. É o lugar que acontece a aprendizagem, aprendizagem de conteúdos acadêmicos e hoje percebo que deixa muitas vezes de promover a aprendizagem humana, pois se ocorresse o preconceito seria extinto, e teríamos o respeito ao próximo, que é essencial ao ser humano.

Consigno ter a visão que a escola é um lugar de lutas, batalhas a de poder, onde o poder está na aceitação neste espaço, onde professores precisam iniciar sua real formação como os outros seres humanos, isto é, a partir do momento que ingressam na educação infantil e somente assim, quando tiverem concluído sua formação estarão aptos para trabalharem com o conhecimento e aprendizagem dentro de um contexto humano, onde o verdadeiro respeito a todos aconteça e a

imposição por opções não faça mais parte, onde cada pessoa possa ser ele mesmo e agir de acordo com a natureza e a sua opção.

Agora vejo que o espaço escolar age de muitas formas ao mesmo tempo, pois promove a auto-afirmação de uns e a anulação de outros, onde os profissionais deixam de respeitar certos conceitos que são essenciais para a igualdade, e isso acaba ocorrendo despercebidamente, pois a escola se torna conteudista, fazendo com que o professor empobreça em cultura e conhecimento, tendo ainda dificuldades em administrar conflitos, tensões, socializar atualidades, que são essenciais também para a formação do indivíduo que lá está, gerando desconforto e subsídios insuficientes para a afirmação dos que lá se encontram, onde precisam estar desconstruindo preconceitos que não servem mais para a atual sociedade e ajudar a construir novos conceitos, e isso, ainda está longe das práticas pedagógicas adotadas.

Entendo que a escola é formada também por uma diversidade que é responsável pelo bom andamento da mesma, e para isto temos as leis que norteiam o respeito e a igualdade e ao mesmo tempo temos a discriminação e exclusão, e isso fica a me questionar.

Concluo que a escola tem muitas facetas, forma bons indivíduos e exclui outros, deixa boas lembranças de um espaço que foi essencial e protagoniza o sucesso para alguns e para outros deixa as marcas da violência sofrida, que se manifesta através de sintomas emocionais os quais permanecem durante toda a vida.

Percebo que a escola precisa ser humanizada, onde todos passem por ela, e sintam saudades dos bons momentos vividos, os quais devem ser a maioria, e para os que lá estão lá se sintam bem fazer parte desse espaço e que seja um referencial de acolhimento e certeza que ali o ser humano será respeitado e terá a igualdade e equidade na sua permanência e convivência escolar.

Espero que a escola deixe de ser espaço desafiador para a permanência de todos e elimine a conservação de certas marcas do passado, que muitas vezes negam a alguns a oportunidade de viver o novo, o atual, o real, o presente, e que ali tenhamos profissionais atualizados, inovadores buscado e fazendo a real formação humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Reinaldo K., GONÇALVES, Jean Carlos. **BANHEIRO REQUEER: PROTOCOLO TEATRAL VERBO-VISUAL EM DISCURSO**. O Teatro Transcende (Online). , v.20, p.20, 2015.

ARAUJO, Reinakdo. K. POLITICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS In: **CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA AMERICA LATINA - SEMEANDO NOVOS RUMOS**. CURITIBA: cepial, 2012.

ARAUJO, Reinaldo. K., MARTINS, G. Formação Inicial e Continuada de Docentes: Relações de gênero e Sexualidade In: Seminário Corpo Gênero Sexualidade, 2009, Rio Grande/RS. **Seminário Corpo Gênero Sexualidade**, 2009.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quartos ciclos: apresentação dos Temas Transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEFM, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CESAR M. R. A. **Da escola disciplinar a pedagogia do controle**. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação , Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro. Editora 34, 1996

Espaço escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil  
IJ Junckes, JM Silva Revista de Didáticas Específicas, 148-166/2009

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

\_\_\_\_\_ **Gênero, sexualidade e educação - uma abordagem pós-estruturalista**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.]

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação - uma abordagem pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2007a. 124.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista 46**, 2007b

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1.** A vontade de saber. 19a edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira. **O corpo Educado – Pedagogias da sexualidade.** 2º. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: O Corpo Educação: Pedagógicas da Sexualidade. (Org.) Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOVISOLO, H. SOARES, A. J., BARTHOLO, T. L. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 03, p. 165-191, setembro/dezembro de 2006.

\_\_\_\_\_. Michel. (ed. RABINOW, Paul) Ethics, subjectivity as truth. Essential Works of Foucault. V. I. New York: The New Press, 1997.

MICHELE L. GABRIEL G. **Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas.** Editipo, Lisboa- 1990.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-Intervenção: especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO L. R. e BESSET, V. L. (Orgs) **Pesquisa –intervenção na infância e na juventude.** NAU: Rio de Janeiro, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

\_\_\_\_\_. **O corpo Educado – Pedagogias da sexualidade**. 2º. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POWNEY, J. E WATTS, M.. **Interviewing in educational research**. Londres, Routledge, 1987

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

WOOLF, V. **Momentos de vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986